

**DIÁLOGO ENTRE A HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:**  
a contribuição dos historiadores Lucien Febvre e March Bloch a pesquisa  
em História da Educação

***DIALOGUE BETWEEN HISTORY AND HISTORY OF EDUCATION:***  
*the contribution of historians Lucien Febvre and Marc Bloch research in*  
*History of Education*

Alexandre Ribeiro Ribeiro Neto\*

**RESUMO**

Nosso texto intenciona refletir sobre a contribuição dos historiadores Lucien Febvre e March Bloch à pesquisa em História da Educação. Gostaríamos de propor um diálogo entre a História e a História da Educação, no qual analisaremos caminhos metodológicos, objetos e diferentes fontes documentais passíveis de serem usadas por pesquisadores da Educação. À luz das reflexões dos historiadores, criadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* modificaram a maneira de conceber a escrita da história. Ao redor da revista, gravitavam outros historiadores que, a partir das suas diferentes posições nas instituições de ensino superior e pesquisa, apresentavam suas propostas de renovação do ofício do historiador.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; História da Educação; Metodologia da Pesquisa.

**ABSTRACT**

Our text intends to reflect about the contribution of historians Lucien Febvre and Marc Bloch to research in History of Education. We would like to propose a dialogue between History and the History of Education, in which we analyze methodological paths , objects and different documentary sources , which could be used by education researchers in the light of the reflections of historians , creators of the magazine *Annales d' Histoire Economique et Sociale* , which changed the way of conceiving the writing of history . Around the magazine gravitated other historians, who from their different positions in higher education and research institutions presented their proposed renewal of the historian's craft.

**KEYWORDS:** History; History of Education; Research Methodology

\*Possui graduação em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. Mestre em Educação pela UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). Professor Adjunto do Departamento de Formação de Professores da Faculdade da Baixada (FEBF - UERJ).

Escreverás o meu nome com todas as letras  
Com todas as datas  
- e não serei eu.  
Repetirás o que me ouviste  
O que leste de mim, e mostrarás meu retrato  
- e nada disso serei eu  
Cecília Meirelles – Biografia

## **Introdução**

Nosso texto intenciona refletir sobre a contribuição dos historiadores Lucien Febvre e March Bloch à pesquisa em História da Educação. Analisaremos caminhos metodológicos, objetos e diferentes fontes documentais, passíveis de serem usadas por pesquisadores da Educação à luz das reflexões dos historiadores, criadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Essa publicação modificou a maneira de conceber a escrita da história. O texto possui três sessões. Na primeira, analisaremos a trajetória do historiador March Bloch, na segunda, suas obras e o seu método e na terceira sessão, a obra e o método de seu companheiro de trabalho Lucien Febvre.

Alguns poderão pensar que esse tema já foi discutido à exaustão, que novas reflexões sobre ele pouco podem acrescentar. Contudo, acreditamos que o pensamento de Lucien Febvre e March Bloch ainda circula pouco nos trabalhos produzidos pelos pesquisadores da Educação porquanto estes estudiosos ainda não sabem creditar àqueles autores boa parte do que dizem e fazem.

Tomando como base os dois volumes do livro *Pensadores Sociais e História da Educação*, no qual diferentes autores, de diferentes instituições de ensino e pesquisa de História da Educação apresentam interfaces do pensamento de Nibert Elias, Hannah Arendt, Michel Foucault, Roger Chartier e Marshall Sallins, entre outros, não encontramos nem um capítulo dedicado aos “Pais dos Annales”, alcunha carinhosa, que os historiadores em questão receberão pela criação da revista que alterou os caminhos que conduziam aos domínios de *Clio*.

Os professores que participam dos dois volumes do livro *Pensadores Sociais e História da Educação* fizeram um balanço historiográfico do campo, antes de

escreverem seus artigos. Não encontramos artigos sobre o pensamento de Lucien Febvre e March Bloch. Os pensadores sociais escolhidos pelos autores do livro em exame foram selecionados a partir dos referenciais teóricos que os pesquisadores adotam em seus trabalhos e, como eles, também são adotados por outros no campo. Contudo, não estamos falando que os pensadores franceses sejam desconhecidos. Apenas que não foram contemplados nos dois volumes citados acima.

O conhecimento que temos sobre a obra de Febvre e Bloch se deu a partir de balanços historiográficos, entre eles, aquele produzido por Peter Burke, em seu livro *A escola dos Annales 1929-1989*, publicado em 1992. Diríamos que o próprio movimento dos Annales, em etapa sucessiva, promoveu o apagamento deles. Na mesma direção pensamos também que o mérito da superação é força intrínseca do movimento historiográfico que criaram e que o fato de este ser superado é parte do próprio projeto de seus criadores.

As obras dos autores, *Os reis taumaturgos*, *A sociedade Feudal*, *Martinho Lutero: um destino*, *o Problema da incredulidade no Século XVI: a religião de Rabelais* permitem-nos conhecer o caminho metodológico utilizado por cada autor. Esses livros constituem importante ferramenta para problematizar a pesquisa em História da Educação. O leitor interessado pode recorrer ao empréstimo, ou consultá-los em bibliotecas universitárias, que dispõem de alguns volumes.

O texto que usamos como epígrafe, de Cecília Meireles (2009), poetisa e professora, nos apresenta um desafio: escrever sobre grandes historiadores seguindo suas pistas deixadas em seus escritos. Nosso trabalho não é uma biografia, porém recupera a trajetória dos autores nas instituições pelas quais passaram para compreender como o método de produção do conhecimento histórico foi discutido, reelaborado e finalmente chegou até nós através dos livros escritos por eles. Não seria possível acompanhar as ideias dos historiadores em tela, sem pensar na sua trajetória, pois esses pesquisadores ocuparam postos em importantes instituições de ensino e pesquisa. Dialogaram com outros professores de diferentes áreas do conhecimento, o que influenciou a produção de ambos. As ideias surgiram nesse percurso.

1. **March Bloch:** o homem por trás da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*

Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p. 54).

Vamos começar nossa caçada, percorrendo os caminhos que nos levam até March e Bloch. Já utilizamos essa citação em vários trabalhos e agora lançamos mão desta mais uma vez para conhecer o pensamento de March Bloch. Lendo novamente o parágrafo para compor o texto, percebemos o quanto é significativo. Foi aluno de Michelet e começa a sua definição do objeto de estudo da História, reconhecendo a influência dele e de Fustel de Coulanges sobre a sua maneira de conceber a História.

Quando utilizamos esse parágrafo nos nossos antigos trabalhos, nos perguntávamos o motivo pelo qual foi feita a correção pelo autor, retirando a palavra “homem” do singular e colocando-a no plural. Agora, após lermos muitos textos sobre Lucien Febvre e March Bloch, percebemos que a primeira diferença entre os autores estava justamente nessa correção. Febvre pretendia estudar a religiosidade dos indivíduos, pois revelariam sentimentos e crenças existentes na sociedade. Bloch, ao contrário, influenciado pela sociologia durkheimiana, pretendia estudar os grupos humanos e não os indivíduos, para conhecer as estruturas, as permanências e as rupturas. Febvre fez a opção por Lutero e Rabelais, enquanto Bloch pretendia comparar os reis franceses e ingleses com poder de cura. Como se pode ver, a correção não foi acidental. Apresentava uma postura teórica que marcou os estudos realizados pelo autor, ao longo de sua trajetória como historiador. Lucien Febvre trilhou um novo caminho aberto por ele rumo à psicologia histórica, enquanto March Bloch abriu uma nova perspectiva dialogando com a Antropologia e Sociologia.

Mas não vamos pôr os carros na frente dos bois. Tenhamos calma, pois agora conheceremos March Bloch. Para isso, nos cabe dialogar com os textos de José Carlos Reis<sup>1</sup>, Júlio Bentivoglio<sup>2</sup> e Dominique Barthélemy<sup>3</sup>.

Gostaríamos de ressaltar que os dois primeiros autores citados passaram pela École des Hautes Études em Sciences Sociales em períodos diferentes. José Carlos Reis nos anos de 1996/1997. Júlio Bentivoglio nos anos de 2014/2015. Dominique Barthélemy é professor dessa instituição desde 1994. Dessa forma, acreditamos que os autores brasileiros tenham conhecido e estudado Barthélemy, pois se dedicam ao estudo da historiografia francesa e teoria da História.

Queremos destacar também a importância da École des Hautes Études em Sciences Sociales como uma das principais instituições de divulgação e de formação de pesquisadores estrangeiros, que buscam seus cursos de pós-graduação, o que contribui para aumentar a influência da historiografia francesa, além dos limites geográficos da França.

Os textos escritos pelos três autores citados acima, encontram-se em obras destinadas à análise do pensamento historiográfico, ou seja, são capítulos de livros organizados por diferentes autores. Julio Bentivoglio é organizador do livro e escreve um capítulo destinado ao pensamento de March Bloch. Maurício Parada é o organizador da coleção *Os Historiadores: Clássicos da história*. No segundo volume, publicado em 2013, encontramos um capítulo escrito por José Carlos Reis sobre March Bloch. Véronique Sales é a organizadora da obra intitulada *Os historiadores*, publicada pela UNESP, em 2011. Nela encontramos o capítulo de Barthélemy sobre Bloch. As obras dos desses autores foram escritas em diferentes momentos. Tanto o primeiro quanto o segundo autor citam o terceiro em seus trabalhos, o que nos permite pensar que Dominique Barthelémy escreveu o seu trabalho primeiro e não leu os demais.

---

<sup>1</sup> José Carlos Reis doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain e pós-doutor pela Ecolé des Hautes Études em Sciences Sociales e pela Université Catholique de Louvain. Atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, autor do capítulo *Marc Bloch (1886-1994) o paradigma da história estrutural*. In: PARADA, Maurício. (Org.). **Os Historiadores: clássicos da História, volume 2**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Vozes, 2013.

<sup>2</sup> Júlio César Bentivoglio é doutor em História pela Universidade de São Paulo e professor na universidade Federal do Espírito Santo. Escreveu o artigo *March Bloch* In: BENTIVOGLIO, Júlio e LOPES, Marcos César (Orgs.). **A Constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013.

<sup>3</sup> Dominique Barthélemy é professor na Universidade de Paris-Sorbonne e diretor de estudos na École Pratique des Hautes Études. Escreveu o artigo *March Bloch* In: SALES, Véronique (Org.). **Os historiadores**. São Paulo: UNESP, 2011.

March Bloch, filho de Gustave Bloch e Sarah Ebstein Bloch, nasceu em 1886, em uma família judia, da região da Alsácia-Lorena, no leste da França, próxima à Alemanha. Seu avô e seu pai foram professores. O pai lecionou História Antiga em importantes instituições de Ensino Superior na França e foi especialista no estudo do Império Romano. A profissão docente atravessou gerações na família Bloch e influenciou as escolhas do menino. Em 1912, March Bloch começou a trabalhar como professor no Liceu de Montpellier.

Alistou-se no Exército francês durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), retornou do conflito em 1917, após a sua região ter sido devolvida pelos alemães ao domínio francês. Em 1919, deixou Montpellier e dirigiu-se para Paris, onde conheceu a jovem Simonne Vidal, com quem se casou e teve seis filhos. No mesmo ano, foi lecionar na Universidade de Estrasburgo, que passara recentemente ao domínio francês.

Devemos perceber que a carreira docente o levava novamente para a região da Alsácia-Lorena, sua terra natal, no leste da França, já que ele anteriormente se encontrava no Sul do país, lecionando em Montpellier. Christian Pfister, reitor da Universidade de Estrasburgo, foi orientador de Bloch, em 1908, em uma bolsa da Fundação Thiers. Bloch passou um ano na Alemanha, estudando sobre o desaparecimento da servidão na França no século XII e XIII.

Dosse (1992) concorda com Burke (1992) sobre a importância de Estrasburgo dentro da rede de Ensino Superior na França. Contudo, ambos tecem críticas às posturas de Bloch e a de Febvre que se consideravam *outsiders*, quando, segundo ele, não eram. Ouçamos primeiro François Dosse e logo a seguir o historiador inglês:

Os dois fundadores da história dos Annales, assim como seus herdeiros, não são como eles gostam de se apresentar, marginais. Ambos foram professores na Universidade de Estrasburgo, novamente francesa desde 1920, com a reconquista da Alsácia, que se tornou uma universidade-modelo. Ela deve mostrar aos alemães do que são capazes os pesquisadores franceses. Estrasburgo é, então, a segunda universidade depois de Paris, pela importância de seus professores. [...] Além disso, a Universidade de Estrasburgo dispõe de uma biblioteca - modelo, instrumento incomparável de trabalho, pelo menos em relação às outras universidades de província. Beneficia-se também de financiamentos superiores graças ao fundo de pesquisa científica que subvenciona as publicações da Faculdade de Letras de Estrasburgo. Outra particularidade estimulante de Estrasburgo é a faculdade de Direito, que concentra também a elite dos juristas franceses, ansiosos por conduzir estudos pluridisciplinares e

comparatistas com o título de Faculdade de Direito e Ciências Políticas (DOSSE, 1992, p.46-47).

Dosse desmistifica a postura de Febvre e Bloch, ao apresentar a estrutura da universidade de Estrasburgo, que possuía uma boa biblioteca para pesquisa e financiamento para publicação. Gostaríamos de ressaltar também que o corpo docente da Faculdade de Direito estava disposto a realizar estudos interdisciplinares. Julio Bentivoglio também destacou o volume de livros da biblioteca, que só seria superada pela Universidade de Harvard. Um dado curioso apresentado por ele é o fato de mais 800 alunos não falarem francês. Bloch lecionou Francês Elementar além de História Medieval. Bentivoglio une a sua voz à de Dosse, ao apresentar o ambiente acadêmico da universidade:

Em Estrasburgo reinava um clima interdisciplinar e de síntese, no qual todos os professores da faculdade se encontravam aos sábados para apresentar suas pesquisas e trabalhos, discutindo ainda temas relacionados com literatura, metodologia e teoria. Participaram como convidados desses encontros Gustave Bloch e Henri Pirenne. Eram frequentadores assíduos os estrasburguenses: Febvre que havia deixado a Universidade de Dijon, Bloch e o amigo Maurice Halbwachs, dentre outros (BENTIVOGLIO, 2013, p. 227).

Tanto Burke como Dosse lançaram seus livros sobre o assunto, no mesmo ano de 1992: a historiografia francesa, a sua contribuição, os métodos de pesquisa, os objetos e seus limites. No entanto, suas abordagens são distintas. O mesmo ainda carece de maior espaço, leitura e debate. Já ouvimos o historiador francês, resta-nos agora, ouvir o seu amigo de profissão situado além do canal da Mancha.

Os encontros diários, em Estrasburgo, entre Bloch e Febvre durou apenas treze anos, de 1920 a 1933; foi, porém, de vital importância para o movimento dos Annales. Mas importante também ainda pelo fato de que ambos estavam cercados por um grupo interdisciplinar extremamente atuante. Daí a importância de realçar-se o ambiente em que se formou o grupo (BURKE, 1992, p. 27).

Foi nessa universidade que March Bloch e Lucien Febvre se conheceram e tornaram-se amigos. Juntos decidiram fundar uma revista que apresentaria uma nova maneira de fazer história. Burke também ressalta a importância do ambiente interdisciplinar da Universidade de Estrasburgo, contudo, na sua apresentação do grupo

de amigos que participavam do debate não consta o nome de Gustave Bloch e de Henri Pirenne. Todavia, Maurice Halbwachs é citado pelos dois historiadores como membro do grupo que discutia os caminhos do pensamento historiográfico e as possibilidades de novos objetos e métodos.

Antes de passarmos para o método de pesquisa, proposto por March Bloch vamos acrescentar alguns traços ao retrato que estamos formando do historiador francês. Até aqui ouvimos que ele era professor de diferentes instituições de ensino. Contudo, como os alunos viam o professor March Bloch? Para tanto, convidamos Júlio Bentivoglio para colorir nosso retrato:

Apreciador da erudição e da crítica, era um professor severo, frio, elegante, irônico, cáustico e corrosivo, nos dizeres de alguns ex-alunos [...] Bloch possuía uma biblioteca de aproximadamente seis mil volumes e seu cosmopolitismo, marca dos grandes historiadores de seu tempo, contribuiu para que realizasse o difícil diálogo entre tradições historiográficas de pensamento que estavam em choque (BENTIVOLGIO, 2013, p.228-247).

José Carlos Reis o pintou com cores distintas.

Bloch era judeu, ateu, patriota, um intelectual engajado, que não se fechou na torre de marfim da erudição. Lutou nas duas guerras, não se exilou nos Estados Unidos, apesar de ter sido convidado, segundo Burguière, à *New School for Social Research*, de Nova York, uma instituição criada para acolher intelectuais perseguidos pelos nazistas. (REIS, 2013, 9.255).

As duas citações acima nos ajudam a formar uma figura de March Bloch. Ele é um historiador da Terceira República na França, devemos inseri-lo em seu contexto cultural, sem sacralizá-lo por sua morte na Segunda Guerra Mundial. Quem nos ajuda nessa tarefa é Dominique Barthelémy:

Por admiráveis que sejam, o seu estilo e o seu pensamento permanecem os de um professor da Terceira República. Podemos ainda ler Bloch com confiança e proveito? Parece-me que sim, desde que o ressituemos no contexto cultural dessa República que deu origem a duas “escolas historiográficas” sucessivas: primeiro, o “positivismo”, ou melhor, a escola metódica a partir de 1875, em seguida a Escola dos Annales em 1929 (BATHELÉMY, 2011, p. 98).

A Terceira República é um período da história da França que se inicia em 1870 e termina em 1940. Foi nesse período que March Bloch viveu e produziu seu método que



modificou a maneira de pensar os objetos e as fontes de pesquisa. Um mundo marcado por conflitos. Em primeiro lugar, pela Guerra Franco-Prussiana, que ocasionou a perda do território da Alsácia-Lorena para Alemanha. Em segundo lugar, pela Primeira Guerra Mundial, que reacendeu o sentimento de revanchismo francês, sentimento gestado no conflito anterior. Terminada a Primeira Guerra, a Europa lentamente busca seus caminhos de reconstrução. Os territórios perdidos para a Alemanha são devolvidos à França. Nos anos de 1930, novos fantasmas surgem com a ascensão dos regimes totalitários na Itália e na Alemanha. Em 1939, os alemães invadiram a Polônia, iniciando um novo conflito em escala mundial.

Mas uma vez as alianças entre os países são formadas. As tropas alemãs combatem em duas frentes, de um lado, a Inglaterra, de outro, a França e a Rússia. Os esforços das tropas francesas não são suficientes para deter o inimigo e os alemães ocupam Paris, obrigando o governo a montar uma resistência na cidade de Vichy. O historiador engajado une-se aos demais soldados nas trincheiras da resistência francesa. March Bloch agora tem 56 anos de idade. Em 1944, um ano antes do fim da Segunda Guerra Mundial, foi capturado e submetido à tortura. No mês de junho do mesmo ano, um grupo de presos foi fuzilado pelas tropas alemãs, entre eles estava o historiador judeu, que abandonou a carreira de professor universitário para defender sua pátria.

March Bloch deixou esposa e seis filhos. Sua filha mais nova chamava-se Suzanne, ela tinha apenas 14 anos de idade quando seu pai faleceu. Mesmo após a sua morte, ele continua falando através de suas obras, uma delas - *Apologia da história: ou ofício do historiador*, escrita na prisão, sem o auxílio dos livros de sua vasta biblioteca, estava inacabada no momento de sua morte. A tarefa de terminá-la coube ao seu amigo Lucien Febvre. Contudo, seu método de pesquisa o colocou entre os historiadores que romperam com a forma tradicional de escrever a história.

## 2. **March Bloch:** suas obras e o seu método de pesquisa

Primeiro na Inglaterra, depois na França, a desapareção definitiva do toque teve como causa imediata revoluções políticas; mas essas contingências só surtiram tal efeito porque a fé no caráter sobrenatural da realeza ficara (quase sem transparecer) profundamente abalada nas almas de pelo menos parte dos dois povos. Aqui, não se poderia pretender descrever esse obscuro trabalho dos espíritos, mas apenas alguma das razões que contribuíram para destruir a antiga crença. As curas operadas pelos reis eram só um de muitos exemplos de curas

prodigiosas que, durante longo tempo, não encontraram cétricos. Alguns fatos esclarecem bem essa mentalidade (BLOCH, 1993, p.250).

A obra de March Bloch não pode ser resumida à criação da revista *Annales d'Histoire*, em 1929. Uma de suas obras, *Os reis taumaturgos*, que impactou o meio acadêmico francês, foi escrita em 1924, ou seja, cinco anos antes da publicação da revista, quando ele ainda era professor da Universidade de Estrasburgo. Não menosprezemos a criação e a direção conjuntas da revista que congregou novos e velhos historiadores em torno do debate sobre a escrita da História, seus métodos e suas fontes de pesquisa.

O interesse de Bloch pela formação da monarquia francesa se deu em 1912, quando entrou em contato com a coleção *Les régions de La France*. Nesse mesmo ano, ele se encontrava na Alemanha e trabalhava como bolsista na Fundação *Thiers*, sob a orientação de Christian Pfister.

[...] Outra leitura alemã teria lhe motivado alguma inspiração para essa pesquisa: *Die rechtlichen Grundgedanken der französischen Königskrönind mit besonderer Rücksicht auf die deutschen Verhältnisse* (o conceito jurídico de Reino da França com especial referência às particularidades alemãs), de Hans Schreuer (1866-1931) publicada em 1911, trabalho em que os ritos de coroação franceses e alemãs eram investigados à luz do desenvolvimento do poder real. Bloch leu e discutiu essa obra em Montpellier, cujos apontamentos ficaram guardados numa pasta intitulada “Notas sobre os reinados sagrados”. Dela surgiu o interesse de redigir *Os reis taumaturgos*, de 1924, onde apontou suas divergências com Schreuer em relação ao surgimento e às características da monarquia francesa, e introduziu uma abordagem inovadora, nos estudos históricos então vigentes, a respeito das representações coletivas, conceito extraído da sociologia durkheimiana (BENTIVOGLIO, 2013, p.220).

Essas não foram as únicas obras que March Bloch leu para escrever *Os reis taumaturgos*. Podemos farejar pistas na leitura do prefácio escrito pelo autor, no qual agradece ao seu pai e ao seu irmão médico, que auxiliariam na pesquisa dos reis com poder de cura. Mais uma vez recorreremos à Bentivoglio (2013) que localiza o livro de Johan Zentgraf a respeito dos tratados sobre os ritos curativos dos reis franceses, escritos em 1706.

Em sua maneira de conceber a história estava a superação das abordagens: cronológicas, individuais e políticas. Alguns historiadores atribuem uma possível influência de Karl Marx na obra de March Bloch, sobretudo no livro *A Sociedade Feudal*. Contudo, podemos atribuir um peso maior ao diálogo que ele manteve com a Sociologia através das obras de Durkheim.

Na obra *Os reis taumaturgos*, o autor apresenta o seu método comparativo, por meio do qual pretendia conhecer os ritmos da história, as mudanças e permanências nas sociedades analisadas. Valemo-nos das palavras de José Carlos Reis para apresentar o método de March Bloch:

[...] Ele foi o pioneiro do método comparativo, quis fazer uma história comparada das sociedades europeias e, para ele, o sucesso da disciplina histórica dependia do uso da comparação. Para ele há dois modos de usar a comparação: a) pesquisar/comparar fenômenos universais entre culturas separadas no tempo/espaço; b) estudar/comparar sociedades vizinhas ou contemporâneas. Ele preferiu a segunda via e quis fazer uma história econômica da França no quadro da civilização europeia ou uma história comparada da Europa. Ele escreveu um extenso artigo-programa “por uma história comparada das sociedades europeias” (1928), tornando-se um pioneiro do atual projeto político-econômico-social da unidade europeia (REIS, 2013, p.256).

Gostaríamos de evidenciar como o historiador francês estabelece a relação entre o passado e o presente. Nesse diálogo entre os períodos da história seria possível conhecer a ação dos homens no tempo.

[...] Bloch propõe que o historiador vá ao passado e do passado ao presente. Os historiadores tradicionais separam o passado, objeto da história, do presente, objeto dos sociólogos, jornalistas, politólogos, que jamais abordam o passado. Bloch, pelo ir e vir do historiador do presente ao passado, sustenta que o historiador não deve ser um pesquisador das origens. Para ele, por um lado, o passado explica o presente, pois o presente não é uma mudança radical, uma ruptura rápida e total. [...] Entretanto, por outro lado, o presente não se explica exclusivamente pelo passado imediato, ele possui raízes longas, é também um conjunto de tendências para o futuro e é o espaço de uma iniciativa original. O presente está enraizado no passado, mas conhecer essa raiz não esgota o seu conhecimento. Ele exige um estudo em si, pois é um momento original, que combina origens passadas, tendências futuras e ação atual. (REIS, 2013, p. 260).

March Bloch, para conhecer a ação dos homens no tempo seleciona os documentos que interroga. Defende que o historiador deve ser um erudito. Mas não com uma postura arrogante, pois concebe a erudição como um meio e não o fim da pesquisa. A precisão para estabelecer os cortes cronológicos das pesquisas depende da erudição e da sensibilidade.

Bloch considera que o corte mais exato não é o que faz apelo a uma unidade de tempo menor, mas o mais bem-adaptado à natureza das coisas. Cada fenômeno tem sua espessura de medida particular. As transformações da estrutura social, econômica e mental se deformariam em uma cronometragem muito fechada (REIS, 2013, p.268).

Na citação anterior, o autor nos diz que cada fenômeno tem a sua espessura particular. É um dos problemas mais angustiantes para o pesquisador iniciante estabelecer quando começar e quando terminar a pesquisa. Alguns repetem os marcos cronológicos da história política, buscando estabelecer momentos de continuidade e ruptura. Outros estabelecem suas balizas temporais, levando em consideração a documentação existente nos acervos, que, devido às lacunas, impossibilitam a organização de séries mais extensas, impedindo uma pesquisa dentro da perspectiva de *Longa Duração*.

Os eventos interessam não por sua singularidade, mas enquanto elementos de uma série por revelarem um fundo mais duradouro de tendências conjunturais e estruturas. O conhecimento do passado não é mais uma descrição de eventos “percebidos” imediatamente, mas uma reconstrução conceitual. A história tradicional se limitava, sem dizer o porquê, a narrar os fatos ocorridos em tal lugar e data: ela tratava do perceptível, do visível. [...] Os fenômenos econômico-sócio-mentais são abordáveis cientificamente por que se repetem, são mensuráveis, quantificáveis, seriáveis, empiricamente verificáveis (REIS, 2013, p.259).

A contribuição de March Bloch para a pesquisa em História da Educação caminha em duas direções. Em primeiro lugar, não basta colocar os fatos organizados cronologicamente para descobrir a ação dos homens no tempo, isso não é fazer história. Em Bloch, essa opção se enquadraria na visão de história como um relato do que aconteceu. Para esse historiador francês, a pesquisa exige a construção de um problema que se quer analisar. Depois de eleito o problema, passamos às fontes documentais de pesquisa, que podem responder às questões levantadas pelo pesquisador. Em segundo

lugar, história é teoria, para tanto exige o domínio de conceitos que permitam ler em profundidade a realidade analisada.

### 3. **Lucien Febvre:** o homem que escolheu os combates pela história.

Sem dúvida, a história se faz com documentos escritos. Mas também, pode ser feita, deve ser feita sem documentos escritos, se estes não existem. Com tudo o que a criatividade do historiador pode permitir a você usar para fabricar seu mel, na ausência das flores habituais. Portanto, com palavras. Com sinais. Com paisagens e com peças. Com o formato dos campos com e ervas daninhas. Com eclipses da lua e arreios. Com exames especializados de rochas feitos por geólogos e com análises químicas de espadas de metal. Em uma palavra: com tudo que é do ser humano depende do homem, serve ao homem, expressa o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e os costumes do homem<sup>4</sup> (FEBVRE, 1975, p.232).

A citação acima nos remete à visão do fazer historiográfico do homem que escolheu os combates pela história. Vamos acompanhar sua trajetória através dos autores: Alexandre Avellar e Marcos Lopes<sup>5</sup>, Denis Crouzet<sup>6</sup> e Raimundo Barroso Cordeiro Junior<sup>7</sup>. O último defendeu uma tese sobre Lucien Febvre. Cada autor, seguiu um caminho próprio, com pontos de convergência e divergência, abordando o método, a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Social*.

Diferentemente dos autores que analisaram a trajetória de March Bloch, a vida pessoal de Febvre não foi abordada por nenhum deles, limitando-se a apresentar a sua trajetória profissional. Entre os autores citados, provavelmente Denis Crouzet foi o primeiro a escrever sobre o historiador em questão. Ele pontua também que os historiadores leem pouco a obra de Lucien Febvre e que seu nome não aparece muito no corpo dos trabalhos acadêmicos. Avellar e Lopes (2013) também apontam nessa direção, inclusive citando o trabalho de Crouzet sobre Febvre, creditando a sua ausência ao seu estilo de escrita e método de pesquisa.

---

<sup>4</sup> A citação encontra-se no livro *Combates por la História* escrito por Lucien Febvre, publicado em 1975, pela editora espanhola Airel Quincenal. Como a versão em português encontra-se esgotada nas livrarias e até mesmo nos sites especializados, optamos pela tradução livre do texto para ampliar a sua compreensão.

<sup>5</sup> Alexandre de Sá Avellar é doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e professor na Universidade Federal de Uberlândia. Marcos Antônio Lopes é doutor em História pela Universidade de São Paulo e professor na Universidade Estadual de Londrina.

<sup>6</sup> Denis Crouzet é professor de História Moderna na Universidade de Paris IV.

<sup>7</sup> Raimundo Barroso Cordeiro Junior é Doutor em História pela Universidade de Campinas. Professor de Teoria da História do departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

A obra de Lucien Febvre não pode ser resumida à criação e à direção da revista, pois é muito vasta, incluindo artigos e conferências realizadas como professor visitante em diferentes universidades. Ele esteve no Brasil nos anos de 1937 e 1949, na cidade de São Paulo como conferencista na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo<sup>8</sup>. O historiador francês estendeu a sua visita ao Rio de Janeiro e à Bahia.

Sinto-me extremamente comovido pela maneira com que esta cidade de São Paulo, que eu conheço muito bem, me recebeu. Aqui passei algumas horas, há muito tempo, há tanto tempo, antes mesmo do dilúvio: em 1937, há doze anos? [...] Depois de dois meses no Brasil, no Rio e seus arredores, na Bahia e neste vasto domínio do Nordeste onde pretendo voltar se um dia tiver possibilidade, senti-me sempre surpreendido pela fecundidade desta comunhão, desta união da França e do Brasil (FEBVRE, 1949, p.3).

Uma de suas obras de maior relevo é *Martinho Lutero: um destino*. O autor buscou compreender as mudanças sociais, políticas e religiosas que aconteceriam no século XVI, sobretudo o conflito religioso que dividiu a cristandade europeia, com a criação do luterarismo como seu desdobramento. Outra grande obra é *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. O historiador francês busca atingir a sociedade através do pensamento de indivíduos como depositários do pensamento circundante na sociedade de sua época. Essa obra consumiu de dez anos de pesquisa do autor até chegar ao público.

O autor dialoga com a Filologia, a Antropologia e a Psicologia para combater a ideia de que Rabelais era ateu. Longe de se tratar do retorno à história dos grandes homens, Febvre, nos dois livros, procurou apresentar ao leitor o seu arsenal teórico metodológico. Entre outros conceitos trabalhados temos o de Anacronismo, caro ao pensamento do historiador francês, que em outra oportunidade desse texto será abordado novamente.

Lucien Febvre nasceu no ano de 1878. De forma semelhante a March Bloch, Febvre tinha as suas origens ligadas ao magistério. Iniciou sua vida escolar no liceu de Nancy, onde seu pai e seu tio eram professores. O pai de Gramática e o tio de História.

---

<sup>8</sup> O artigo *O Homem do Século XVI*, pode ser lido integralmente. Encontra disponível no site: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria>. Data de acesso: 17/06/2014.

O pai lecionou como convidado na *École Normal Supérieure*. Sua primeira formação se deu em Letras, porém mais tarde prestou concurso para lecionar história e geografia<sup>9</sup>.

Começou a lecionar em 1902, em Paris, no liceu *Bar-le-Duc*. Do mesmo modo que March Bloch, também fez estágio na Fundação *Thiers* na Alemanha. Entretanto, em período diferente do amigo. Em 1912 lecionou na Faculdade de Letras de *Dijon*, dando início a sua carreira de professor universitário, que foi adiada pela Primeira Guerra Mundial. Avellar e Lopes (2013) chamam nossa atenção para os diálogos de Febvre com outros ramos das ciências humanas, entre elas a Filologia:

[...]A compreensão dos textos do passado exige a compreensão de como os contemporâneos os assimilavam, da maneira peculiar de como os liam. Febvre lançou a história numa fronteira em que os vínculos com a Filologia crítica permitiam identificar com as palavras, em outros momentos, poderiam assumir diferentes conotações, sentidos e representações, para além daqueles do universo mental do próprio historiador (AVELLAR e LOPES, 2013, p. 188).

Com a citação acima, queremos dizer que Febvre usou as ferramentas presentes na sua formação em Letras para interpretar os documentos que selecionou como fonte de pesquisa. Outro diálogo importante foi com a Geografia, a Antropologia e a Psicologia. Vejamos o que nos diz Deniz Crouzet:

Para começar a problematização, a contribuição das outras disciplinas é necessária. O historiador não pode ficar à margem da própria história da inteligência de seu tempo, ele deve integrá-la e assumi-la para fazer História. De onde, para além da Geografia que o fascina, um grande interesse pela Psicologia e, em segundo lugar, pela Sociologia. Essas são disciplinas que representam para a História o papel de ajudantes inevitáveis. Pois a História é feita das massas, mas ao mesmo tempo de individualidades que impõem sua marca sobre essas massas (AVELLAR e LOPES, 2013, p. 75).

Lucien Febvre estabeleceu diálogo com outros ramos do conhecimento, mostrando sua postura interdisciplinar. Todavia, no interior da disciplina histórica, o

---

<sup>9</sup> A modalidade de concurso que Lucien Febvre prestou chama-se agregação. Raimundo Barroso Cordeiro Junior, em nota de final de capítulo na página 249, explica-nos essa prática francesa de seleção de professores. “Concurso realizado após os estudos superiores, para o qual se concorre a ser titular de um posto de professor de liceu ou de certas faculdades. O candidato aprovado é chamado *agregé*. Ainda que se trate de um concurso destinado a recrutar professores do secundário, o êxito na agregação é, de fato, uma condição quase incontornável para aquele (ou aquela) que espera ser recrutado pela universidade”. CORDEIRO, Raimundo Barroso. *Lucien Febvre (1878-1956) e o novo saber histórico*. In: PARADA, Maurício (Org.). **Os historiadores: clássicos da história**. Volume 2. De Tocqueville a Thompson. Petrópolis: Vozes: PUC-RIO, 2013.

autor fazia severas críticas à forma tradicional de escrever a história. Nesse horizonte, sua referência a Michelet, sobre quem escreveu um livro intitulado *Michelet e a Renascença* o aproximava do lirismo e da paixão pela história. Vejamos o que diz sobre o método de escrita da história criado por Michelet.

Se consentimos no emprego das palavras hoje em voga, definiremos o método histórico do Michelet de 1840 com a ajuda de duas palavras: é totalitário e é sintético. É totalitário por que não atribuiu ao historiador a tarefa de fazer reviver uma ou outra das atividades múltiplas em que se exercitam os homens, a atividade política por exemplo, ou jurídica, ou religiosa. Tudo o que é do homem é importante para a história; tudo o que os homens criaram é objeto da história, é matéria da história: quer se trate das constituições políticas, quer se trate das igrejas, das religiões ou das filosofias, das criações artísticas ou das obras literárias, das atividades econômicas ou das descobertas científicas. É sintético porque não seria suficiente aos historiadores estudarem separadamente a história políticas, ou a história jurídica ou a história artística – cada um deles mergulhado na sua especialidade e desinteressando-se inteiramente pelo vizinho. Tudo o que é do homem deve ser estudado em conjunto. Porque não há uma única obra do homem que não reaja sobre todas e sobre cada uma das obras do homem (FEBVRE,1994, p.122).

Comparando essa citação com a que escolhemos para abrir a seção sobre o autor, percebemos que ambas possuem pontos de contato. Dentre estes, destacamos o interesse por uma história total de tudo o que é do homem. Na citação que abriu a seção desse texto sobre Lucien Febvre, evidenciamos o papel dos documentos na pesquisa histórica. Segundo ele, o historiador deve se valer de todos os materiais que permitam contar como viveram, festejaram e organizaram suas cidades. Ele atribuiu a busca de respostas como a motivação maior do ofício do historiador.

[...] Precisamente, eu desejaria não copiar meus antecessores. Não por gosto gratuito pelo paradoxal e pelo novo: porque sou historiador, simplesmente, e o historiador não é aquele que sabe. É aquele que procura. E, portanto, que repõe em discussão as soluções estabelecidas, que revisa, quando é preciso, os velhos processos (FEBVRE,2009, p.29).

A eleição dos problemas precede a escolha dos documentos. Ao falar em todos documentos, criticava mais uma vez a história tradicional que consagrava como documentos dignos de consulta, os textos diplomáticos, políticos e administrativos produzidos por reis, rainhas, príncipes e generais. A história, segundo ele, não pode prescindir desses, mas na sua ausência deve ser escrita com os materiais que permitam ao historiador fazer falar as línguas mortas.



Embora estabeleça uma filiação com Jules Michelet, Febvre não era favorável à história linear. Com a ousadia que lhe era característica, recusava-se a ficar no campo da repetição e arriscava-se na arte de refletir. Dessa forma, o historiador francês advogava o distanciamento dos fenômenos observados.

Lucien Febvre definia a história como uma ciência em movimento. Em seus textos na Revista dos *Annales*, livros ou conferências combatia a história-manual, a história-narrativa e a história-tese, que chamava de historicizante, povoada de tratados políticos de reis e generais que em suas páginas davam lições aos vivos.

A história, pensada e escrita por Lucien Febvre, deve ser conhecida como uma baliza em um movimento inexorável que a impede de pretender ser um objeto acabado, porque esse movimento é o de um intelecto que só pode caminhar para outras interrogações e, portanto, para outros aperfeiçoamentos. Por essa ótica, certo probabilismo está na base da abordagem do historiador, dessa liberdade em que aquela se move e em cuja direção pretende manter o espírito dos leitores (CORDEIRO,2013, p.68).

Para conhecer os conceitos que integram o seu método de pesquisa, recorreremos à Vainfas (2011), que apresenta a *História das Mentalidades*, tendência historiográfica que influenciou os rumos da pesquisa histórica no Brasil. Sob essa rubrica, muitos historiadores produziram trabalhos que se distanciaram muito da matriz francesa, quer em seus problemas, quer em suas fontes.

Seja como for, a história das mentalidades que passou a reinar na historiografia francesa desde fins da década de 1960 tem sido caracterizada um tanto precipitadamente – sobretudo pelos seus críticos –, em função de seus temas e de seu estilo. Quanto aos temas, é costume se destacar a preferência por assuntos ligados ao cotidiano e às representações, na falta de expressões melhores: o amor, a morte, a família, a criança, as bruxas, os loucos, a mulher, os homossexuais, o corpo, a morte, os modos de vestir, de chorar, de comer, de beijar etc. Microtemas, portanto, recortes minúsculos do todo social. Quanto ao estilo, costuma-se realçar seu apego à narrativa à descrição em detrimento da explicação globalizante (VAINFAS, 2011, p. 126).

O horizonte apresentado por Ronaldo Vainfas na citação feita anteriormente é ácido, povoado pelas distorções que a obra *História das Mentalidades* sofreu ao longo do tempo. Contudo não era essa a proposta de Lucien Febvre e nem mesmo de March Bloch, quando defendiam uma renovação na maneira de escrever História e na eleição dos temas de pesquisa.

A *História das Mentalidades* defendida por Lucien Febvre apresentava o seu esforço de diálogo com a Antropologia, sobretudo coma obra de Levy-Bruhl. Avellar e Lopes (2013) nos ajudam a pensar uma definição mais consistente para a tendência historiográfica em tela.

O projeto de Febvre em torno de uma “História das mentalidades” relaciona-se a uma crítica sistemática a determinados postulados da história intelectual, da forma como então era praticada. O historiador francês denunciou filósofos e literatos por lançarem mão de categorias gerais e abstratas que, longe de esclarecerem a realidade psicológica das experiências sociais, apenas satisfaziam as inteligências menos rigorosas, ao conceber as ideias e os produtos culturais em termos mecânicos de criação, influência e filiação. [...] A história das mentalidades reivindicada por Febvre levava em conta as ideias a partir de suas relações com as formas de vida social e com as condições que permitiram a sua produção (AVELLAR e LOPES, 2013, p. 190-91).

Outro conceito central na obra de Febvre e também na de March Bloch é o conceito de *Outillage mental* - traduzido em nosso idioma como utensilagem mental. Alguns historiadores, entre eles Roger Chartier, defendem que esse conceito e a própria tendência historiográfica expressam uma forma genuinamente francesa de fazer história, portanto de difícil tradução para outros idiomas.

Compreende-se, por palavras, que a utensilagem mental ultrapassa o simples conjunto de categorias e formas de representação e expressão da realidade que organizam a experiência, para se concentrar também com as técnicas e as modalidades de estruturação social. Ao mesmo tempo, ela deveria ser isolada de qualquer tentação evolucionista que pudesse levar à ideia de que as utensilagens mentais variam de acordo como menor ou maior progresso de suas formas (AVELLAR e LOPES, 2013, p. 192)

Ronaldo Vainfas apresenta o declínio da *História das Mentalidades* como a saída de historiadores filiados a essa tendência historiográfica e à criação de novos campos da História, em 1980. O artigo segue discorrendo sobre a penetração da mesma no Brasil. Nesse trabalho, pretendemos não entrar nesse caminho, uma vez que nos interessa conhecer a contribuição de Lucien Febvre e March Bloch para a História da Educação.

O resultado foi o já citado “declínio” das mentalidades e a deserção dos historiadores a elas dedicados para outros campos. A partir da década de 1980, é possível verificar o surgimento de uma série de “novos” campos, esboços de disciplinas que, em maior ou menor grau, herdaram os temas e problemática das mentalidades. No caso da França, sempre ela, algumas coleções parecem cumprir este papel de revigorar as mentalidades através de microrecortes. É o caso, ao menos em parte, da *História des femmes*, publicada originalmente na

Itália, porém organizada por Georges Duby e Michelle Perot (VAINFAS, 2011, p. 137-8).

Cabe-nos agora pensar a sua carreira de professor universitário. No ano de 1914, quando se iniciou a Primeira Guerra, Lucien Febvre estava com 36 anos de idade e se alistou no Exército francês para defender o seu país. Após o final do conflito, foi convidado por Christian Pfister para lecionar na Universidade de Estrasburgo. O mesmo orientador de March Bloch que assumira a reitoria da universidade recém anexada à França. Nessa instituição, conhece March Bloch com quem, em 1929, fundou a revista *Annales d'Histoire Économique et Social*. Contudo, os mesmos fundadores foram influenciados por outras revistas em circulação, tais como: *Revue de Synthèse* de Henri Berr e *Année Sociologique* entre outras.

A Revista *Annales d'Histoire Économique et Social* configurou-se num espaço de divulgação de novas pesquisas históricas com inéditas abordagens. Ao seu redor, começaram a circular outros historiadores que deram maior envergadura ao projeto de Febvre e de March Bloch. Essa postura canalizou a renovação da escrita da História na França, chamada por alguns de Movimento dos Annales. Esse grupo, utilizando o espaço da revista, combatia a velha historiografia francesa e almejava espaço nas universidades de maior prestígio social. Outros chamavam-no de Escola dos Annales, pois acreditavam que havia uma diretriz a ser seguida pelos autores que publicavam seus artigos naquele periódico. A polêmica em torno do conceito de Escola ou de Movimento ainda está longe de ter fim. Intencionamos apresentar as duas leituras, do empreendimento de Lucien Febvre e de March Bloch.

Em 1939, mais uma vez um conflito em escala mundial sacudiu as nações. Febvre estava com 61 anos de idade, e não se alistou nas fileiras do Exército francês, como o seu amigo March Bloch. Febvre se recusou a suspender a publicação da revista durante a Segunda Guerra Mundial, o que causou rugas na amizade dele com Bloch. Outro ponto também levantado por Avellar e Lopes (2013) foi que o historiador francês não se posicionou contra a ocupação nazista, que perseguiu e dizimou muitos judeus franceses, inclusive o seu amigo March Bloch.

Ao final da Segunda Guerra, já estava em Paris como professor de História Moderna do *Collège de France*. Nessa instituição, criou a *VI Seção da École Pratique des Hautes Études*. March Bloch, em 1936, tornou-se professor da Sorbone e junto com seu amigo de Estrasburgo criou o Instituto de História Econômica e Social. A amizade

entre os dois historiadores passou por momentos difíceis, pois March Bloch abriu mão da candidatura ao *Collège de France* em favor do amigo, porém no ano de 1934, Lucien Febvre apoiou Émile Dolléans para o cargo de professor de História do Trabalho, quando Bloch pleiteava a mesma vaga.

Lucien Febvre morreu no ano de 1956, aos setenta e oito anos de idade. Os textos dos historiadores que serviram de fonte documental de pesquisa silenciaram sobre diversos aspectos da vida pessoal do fundador da Revista dos *Annales*. Concentraram seus esforços em cobrir o período da infância, as influências para tornar-se professor, a sua trajetória como professor da Universidade de Estrasburgo, sua participação na Primeira Guerra Mundial, a sua ausência na Segunda Guerra, a fundação da Revista *Annales d'histoire économique et social*, sua eleição para professor do *Collège de France*, suas pesquisas sobre a religiosidade do homem do século XVI e o reconhecimento da importância da sua obra. Alguns o acusam de ter criado uma personagem *outsider*, quando nem ele nem March Bloch poderiam ser lidos sob essa rubrica.

### **Considerações Finais**

Pensamos que as contribuições de Lucien Febvre e March Bloch aos pesquisadores da História da Educação foram demonstradas ao longo do texto. Os historiadores em tela ousaram fazer em suas obras novas leituras, que os colocava em lugar de risco, pois desafiaram as regras de como se deve escrever História. Quando lemos alguns trabalhos em História da Educação, percebemos uma série de acordos e constringimentos, nos quais há mais concordância e solicitação de apoio. Nem pretendemos aqui discorrer sobre os trabalhos laudatórios escritos para elogiar outros, que pouco contribuem na descoberta de áreas nubladas da História da Educação, um campo ainda em construção, com áreas ainda pouco pesquisadas.

Lendo o texto rapidamente, voltamos à epígrafe e percebemos que cravamos um poema de Cecília Meirelles e seguimos alguns conselhos da poetisa. Entretanto, peçamos desculpas a ela, pois não mostramos o retrato. Deixamos um desafio para o leitor, a partir das obras de Lucien Febvre, de March Bloch e da leitura desse texto. Que cada um faça um desenho a mão livre, usando as luzes e as sombras, expressando também novas perspectivas sobre esses autores.

## REFERÊNCIAS

- AVELLAR, Alexandre e LOPES, Marcos. Lucien Febvre (1878-1956). In: BENTIVOGLIO, Júlio César e LOPES, Marcos Antônio (Orgs.). **A Constituição da História como Ciência: de Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BATHÉLEMY, Dominique. March Bloch. In: SALLES, Véronique. (Org.). **Os Historiadores**. São Paulo: UNESP, 2011.
- BENTIVOGLIO, Júlio César. *March Bloch (1886-1944)*. In: BENTIVOGLIO, Júlio César e LOPES, Marcos Antônio (Orgs.). **A Constituição da História como Ciência: de Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BLOCH, March. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Apologia da História: ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARPINEJAR, Fabrício (Org.). **Cecília de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- CORDEIRO JÚNIOR, Raimundo. *Lucien Febvre (1878-1956) e o novo saber histórico*. In: PARADA, Maurício (Org.) **Os historiadores: clássicos da história, vol.2: de Tocqueville a Thompson**. Petrópolis: Vozes: PUC-RIO, 2013.
- CROUZET, Denis. *Lucien Febvre*. In: SALLES, Véronique. (Org.). **Os Historiadores**. São Paulo: UNESP, 2011.
- DOSSE, François. **A História em migalhas: Dos Annales à Nova História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FEBVRE, Lucien. **Combates por la História**. Espanha: Ariel Quincenal, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Michelet e a Renascença**. São Paulo: Scritta, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. O homem do século XVI. <http://www.revistas.usp.br/revhistoria>. Data de acesso: 17/06/2014.
- REIS, José Carlos. *March Bloch (1886-1944), o paradigma da história estrutural*. In: PARADA, Maurício (Org.). **Os historiadores: clássicos da história, vol.2: de Tocqueville a Thompson**. Petrópolis: Vozes: PUC-RIO, 2013.
- VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

Recebido em 29/07/2016

Aceito em 27/11/2016